

REVISTA NJINGA & SEPÉ

Um estudo sobre os nomes genéricos presentes na Toponímia do Brasil

Maria Cândida Trindade Costa de Seabra *
Universidade Federal de Minas Gerais-Brasil

ORCID iD <https://orcid.org/0000-0003-4827-0635>

RESUMO

O signo toponímico difere dos demais signos linguísticos por apresentar um caráter motivado em relação ao referente nomeado e também pela particularidade específica de sua função, que é de caráter identitário. Sendo assim, a necessidade de denominar um lugar segundo a sua situação em relação a um espaço geográfico habitado é um fenômeno geral, comum a todas as épocas. Para isso o homem faz uso de variadas estruturas linguísticas que se fundamentam em seu entorno vivencial, combinando motivação, convenção e identificação, produto psíquico da história sócio-político-cultural de um povo. Neste trabalho, apresentamos resultados parciais de um estudo sobre os termos genéricos que compõem os nomes geográficos presentes na Toponímia do Brasil, procurando refletir sobre algumas questões: 1) Os nomes têm significado? 2) Como são usados os nomes indígenas? 3) De onde vêm os termos genéricos presentes na hidrografia do Brasil? Como o nome deve ser interpretado em seu contexto geográfico? Chamamos de termo genérico o item lexical referente aos acidentes físico e antropocultural que integra juntamente com o termo específico (topônimo) o nome geográfico de uma localidade. Dessa união (termo genérico + termo específico) se estrutura o sintagma toponímico. Enquanto o primeiro é escolhido, necessariamente, tendo em vista características socioambientais, o segundo é mais livre, ficando a cargo de seu denominador. Dessa união entre os dois termos é comum a ocorrência de uma simbiose, o que não impede que haja variações, tanto no plano sincrônico, quanto no plano diacrônico e, ainda, no diatópico.

PALAVRAS-CHAVE

Toponímia; Nomes Geográficos; Localidade; Brasil

REVISTA NJINGA & SEPÉ

*Professora Titular de Língua Portuguesa da Faculdade de Letras da UFMG. Atua na graduação e pós-graduação. Desenvolve pesquisa em Linguística Teórica e Descritiva, nas perspectivas sincrônica e diacrônica, com ênfase em Onomástica (Toponímia e Antroponímia), Lexicologia, Lexicografia, Português do Brasil, Variação e Mudança Linguística.

Para citar este Resumo (ABNT): SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. Um estudo sobre os nomes genéricos presentes na Toponímia do Brasil. **Anais do 1º Seminário Internacional da Toponímia e Antroponímia (15 & 16 de ago. 2024) / Revista Njinga & Sepé.** São Francisco do Conde (BA), Vol.4, Nº Especial I, p. 194, 2024 (ISSN: 2764-1244). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=T_TiEEttPeI

Para citar este Resumo (APA): Seabra, Maria Cândida Trindade Costa de. (ago. 2024). Um estudo sobre os nomes genéricos presentes na Toponímia do Brasil. **Anais do 1º Seminário Internacional da Toponímia e Antroponímia (15 & 16 de ago. 2024) / Revista Njinga & Sepé.** São Francisco do Conde (BA), 4 (Especial I): 194. (ISSN: 2764-1244). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=T_TiEEttPeI

Um estudo sobre os nomes genéricos presentes na Toponímia do Brasil

Maria Cândida Trindade Costa de Seabra

Programa de Pós-Graduação em Linguística
Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

1. Introdução.

2. Os nomes têm significado?

3. Os nomes indígenas no sintagma toponímico.

4. As interpretações do nome tendo em vista o contexto geográfico.

1. INTRODUÇÃO

Estruturalmente, o topônimo compreende dois elementos:
o termo (elemento) genérico e o termo (elemento) específico.

termo genérico

(acidente geográfico

'o que será denominado')

termo específico

(topônimo 'o elemento que

identifica, singulariza o acidente')

Rio Vermelho

O topônimo é o nome próprio dado a determinado acidente geográfico.
Termo genérico + termo específico = constituem o sintagma toponímico.

Toponimização

Termo genérico + termo específico = sintagma toponímico

Rio Vermelho

The diagram consists of a blue arrow pointing from the word 'Termo genérico' in the text above to the word 'Rio' in the example below. A second blue arrow points from the text '= sintagma toponímico' to the word 'Vermelho' in the example below.

Termo genérico + termo específico = sintagma toponímico

Cidade Rio Vermelho
Bairro Rio Vermelho

The diagram consists of a blue arrow pointing from the word 'Termo genérico' in the text above to the word 'Cidade' in the first example below. A second blue arrow points from the text '= sintagma toponímico' to the word 'Rio Vermelho' in the first example below. A third blue arrow points from the word 'Termo genérico' in the text above to the word 'Bairro' in the second example below. A fourth blue arrow points from the text '= sintagma toponímico' to the word 'Rio Vermelho' in the second example below.

Objetivo:

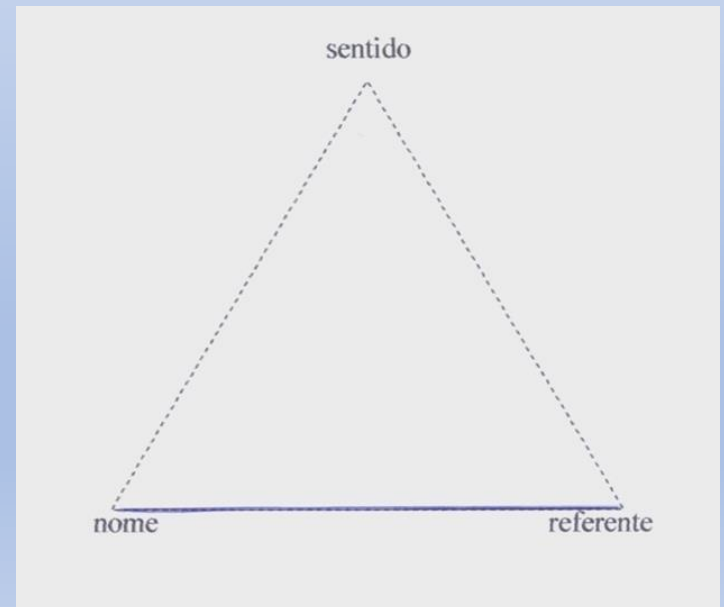
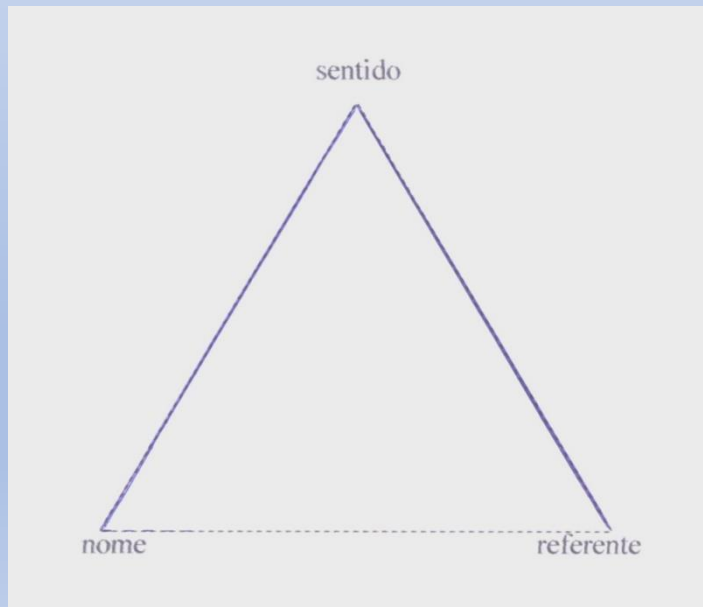
→ Toponímia brasileira: um convite à reflexão sobre as relações entre elemento geográfico (nome genérico) e o nome de lugar (nome próprio ou topônimo).



2. Os nomes próprios de lugar têm significado?

→ Para nomear, o homem se fundamenta em seu entorno vivencial, combinando:

- Motivação
- Convenção
- Identificação



2. Os nomes têm significado?

→ O signo toponímico:

- Apresenta um caráter motivado em relação ao referente nomeado;
- Possui uma função específica: caráter identitário.

Projeto ATEMIG – Fitotoponímia Mineira

Capão – *tupi(kaa'paũ)* • Qualquer porção de mato, de composição variada, grande ou pequena, isolada, por todas as partes, de outra porção de mato; pequena mata.

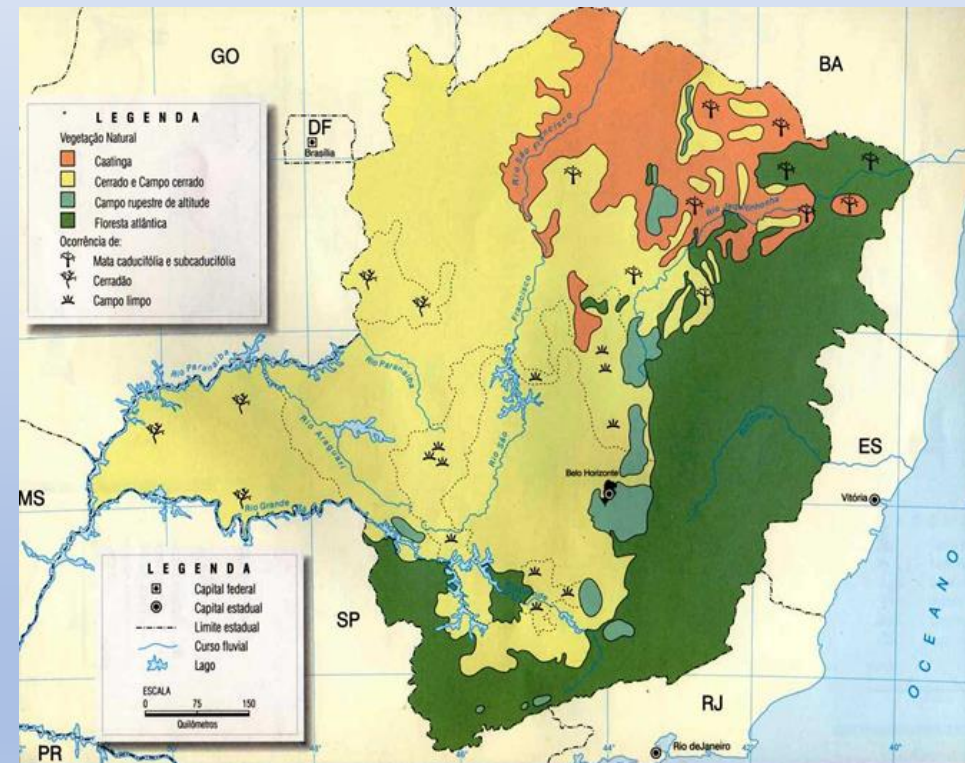
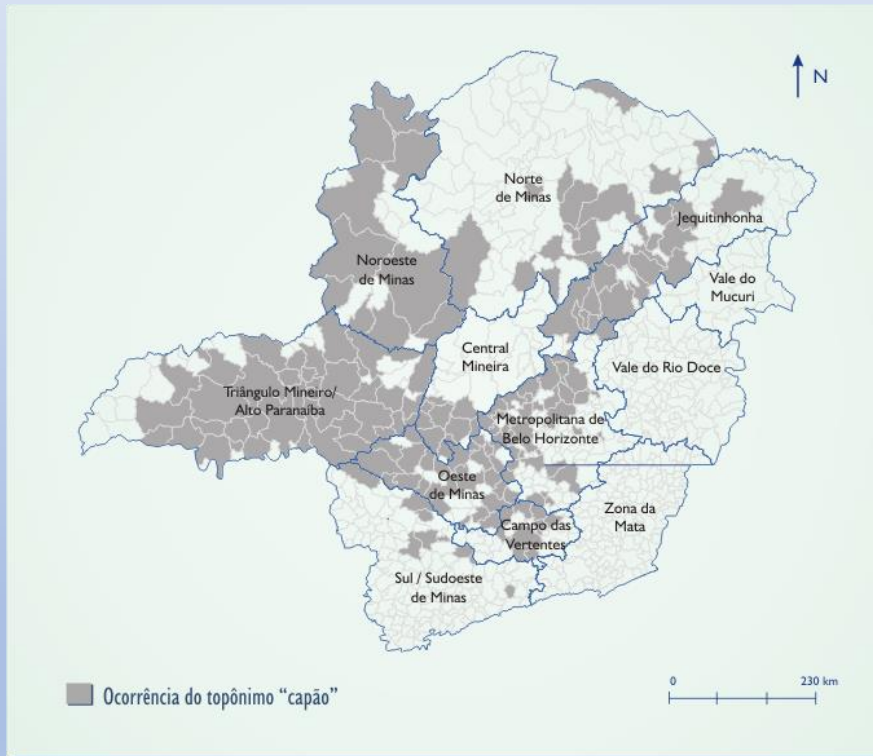
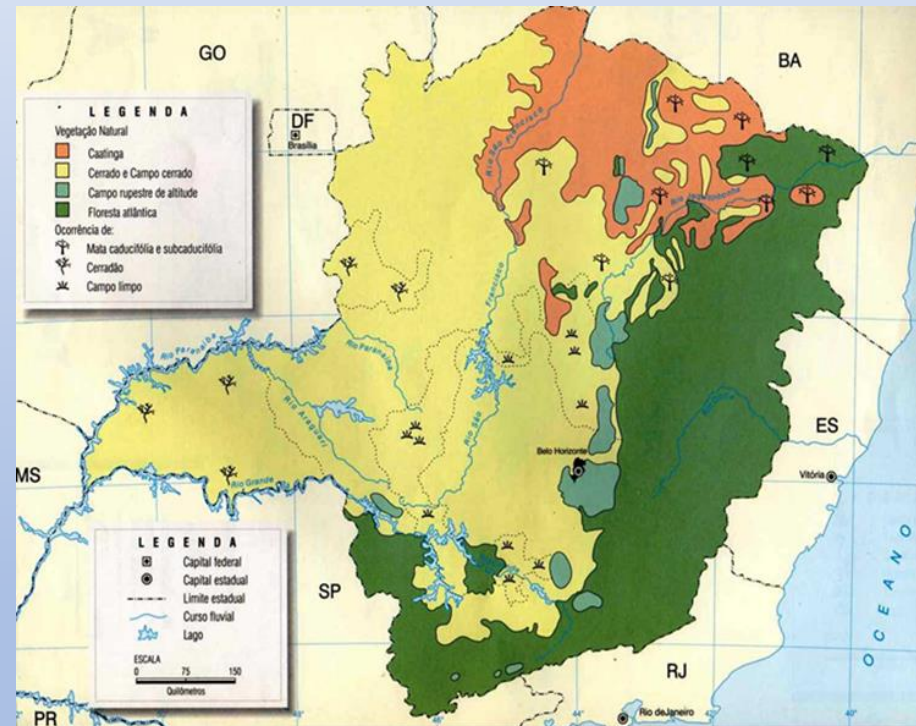
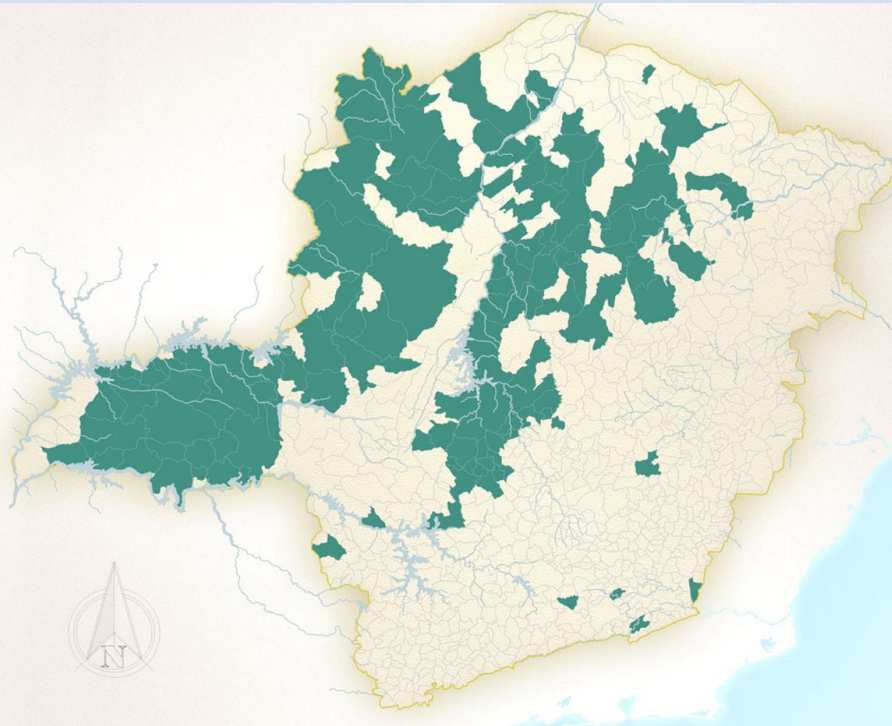


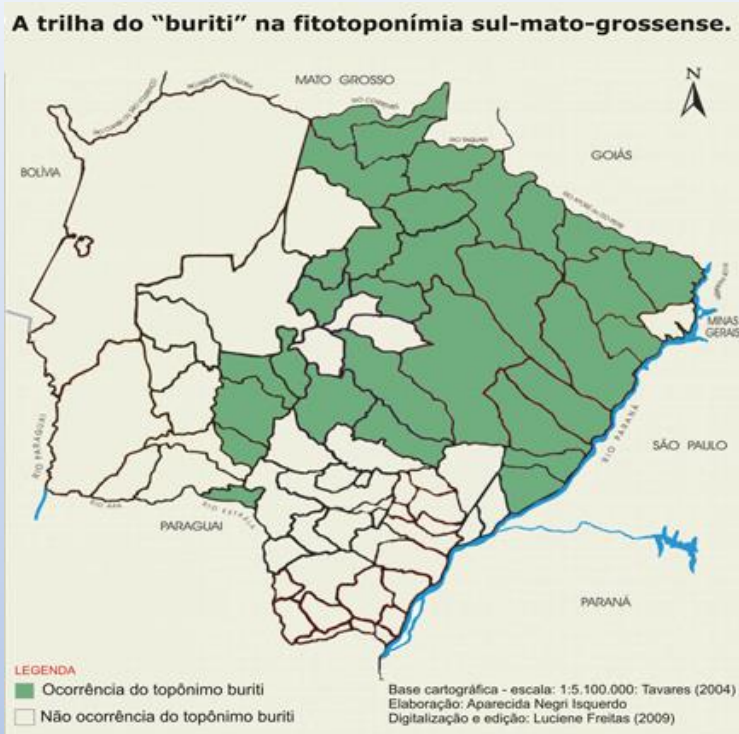
Figura 1: Ocorrência do topônimo "capão" nos municípios do Estado de Minas Gerais, segundo suas mesorregiões geográficas

Área fitogeográfica *versus* área fitotoponímica - MG

A trilha do Buriti (palmeira) na fitotoponímia de Minas Gerais



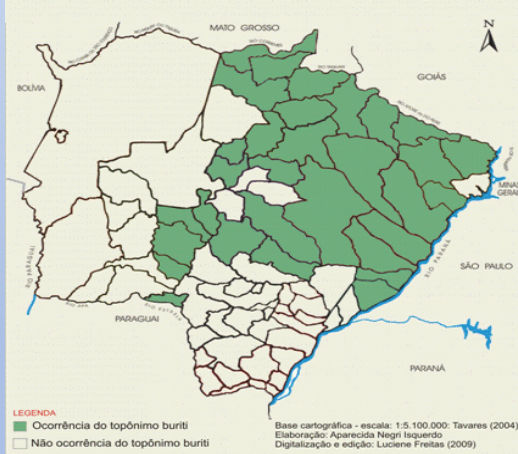
Variação diatópica



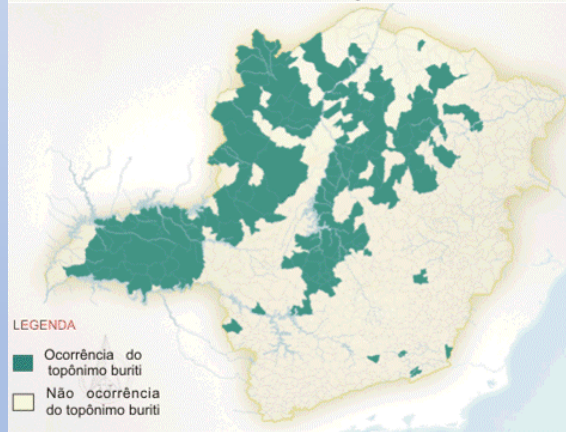
Dick registra **buriti** como denominativo em vários estados brasileiros. Segundo essa pesquisadora na forma **miriti** há registros onomásticos em estados do norte e nordeste: Acre, Amazonas, Maranhão e Pará. Já a forma alterada **buriti**, segundo ela, é amplamente difundida em várias regiões pertencentes a outros Estados da Federação (Dick, 1990, p. 155).

A “trilha” dos fitotopônimos formados com o termo buriti cruza as fronteiras políticas que separam as áreas geográficas dos Estados, delineando um continuum que demarca uma área toponímica distinta. Esses dados dão mostras da equivalência entre áreas fitotoponímicas e fitogeográficas.

A trilha do “buriti” na fitotoponímia sul-mato-grossense.



A trilha do “buriti” na fitotoponímia mineira.



3. Os nomes indígenas no sintagma toponímico.

Rio Paraná

Termo genérico

Rio

Termo específico

Paraná

Paraná como nome próprio ou topônimo

Paraná (estado)

Paraná (ilha AM)

Paranaguá (cidade PR)

Paranaí (cidade SP)

Paranaíba (rio GO)

Paranamirim (rio BA)

Paranapanema (rio PR)

Paranapará (igarapé AM)

Paranan-I Guaçu (córrego Mato Grosso)



Paraná = acidente geográfico (termo genérico)

22 ocorrências - 19 no estado do Amazonas

Paraná Abacaxis (AM)

Paraná Acará (AM)

Paraná Bogari (AM)

Paraná Urariá (AM)

Paraná Ouro (AC)

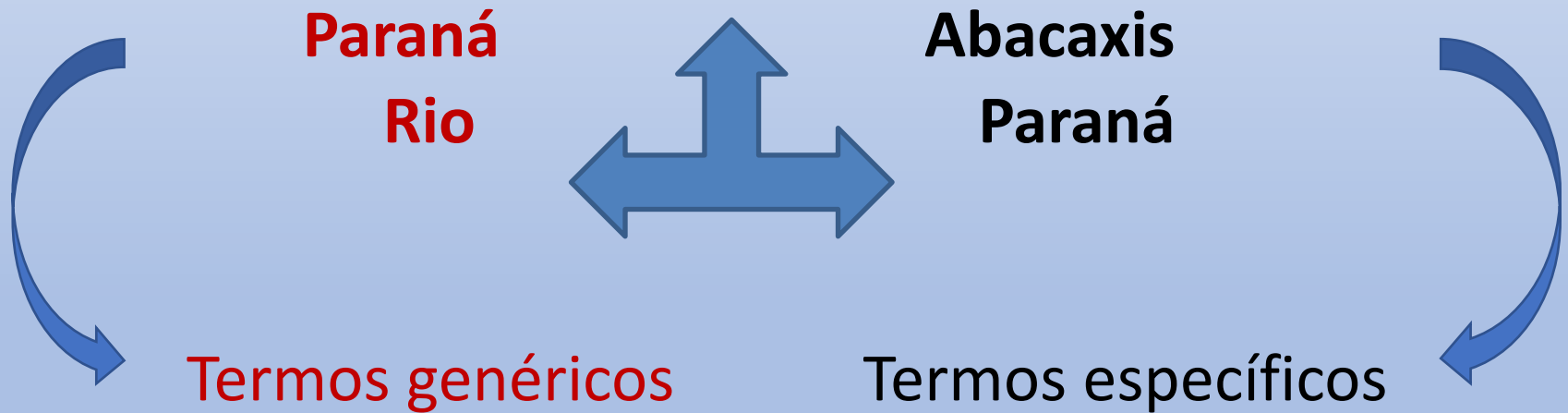
Paraná Macuera (RR)

“é um termo definidor de canais ou braços de rios”.

Estrutura do Topônimo

Paraná Abacaxis (Amazonas)

Rio Paraná (Paraná)



“Rio diz-se paraná em tupi equatorial;
em documentos antigos leem-se nomes como

Geticaparaná, rio das batatas;

Araraparaná, rio das araras;

Miritiparaná, rio dos miritizeiros;

Uruaparaná, rio dos caracóis;

Quiinhaparaná, rio das pimentas.

Aos rios de menores dimensões chamavam igarapés.”

(Clermont de Miranda. In: Levy Cardosos. Toponímica brasílica)

- Um igarapé é um curso d'água amazônico, constituído por um braço longo de rio ou canal. Existem em grande número na Bacia amazônica. Caracterizam-se pela pouca profundidade e por correrem quase no interior da mata. Apenas pequenas embarcações, como canoas e pequenos barcos, podem navegar pelas águas de um igarapé devido a sua baixa profundidade e por ser estreito.

- A palavra foi adotada do tupi. Significa, literalmente, "caminho de canoa", através da junção dos termos ygara (canoa) e apé (caminho)



- Igarapé:
 - do Abacate (AM)
 - do Açaí (RR)
 - do Caboclo (AC)
 - da Fartura (PA)
 - das Abelhas (AM)
 - do Vai-quem-quer (AM)
 - da Liberdade (RO)
 - [Nome genérico (+ / - prep.) nome próprio]
- Paraná:
 - Abacaxis (AM)
 - Acará (AM)
 - Urariá (AM)
 - Ouro (AC)
 - Macuera (RR)
 - Bogari (AM)
 - Açaizinho (AM)

Região Norte do Brasil

Igarapé, Paraná, Pororoca (a pavorosa e repentina cheia)

Paraná – evoluiu para nome próprio, afastando-se de seu primitivo uso.

Igarapé (o caminho da canoa)–fora da região amazônica é empregado como topônimo:

- Igarapé (MG)
- Igarapeaçu (PE)
- Igarapé-Miri (PA)

→ No norte, continua como acidente físico, nomeando a hidrografia setentrional.

FUROS, PARANÁS E IGARAPÉS (*)

Análise genética de alguns elementos do sistema potamográfico amazônico

Pelo

Professor Gilberto Osório de Andrade

Catedrático de Geografia Física da Faculdade de Filosofia da Universidade do Recife
(Pernambuco — Brasil)

1. INTRODUÇÃO

Paraná, furos e igarapés são elementos do sistema potamográfico da Amazônia discriminados segundo uma terminologia que se apoia, vacilante, em critérios ora sumariamente morfológicos e empíricos, ora imprecisamente etimológicos. A presente comunicação tem o propósito de sugerir critérios sobretudo genéticos à identificação desses elementos e mais dos **lagos-de-terra-firme**, por oposição aos **lagos-de-várzea**. Produto, porém, de observações colhidas durante uma excursão didática em companhia de alunos de Geografia da Faculdade de Filosofia de Pernambuco da Universidade do Recife ao Solimões e ao baixo-Amazonas (julho-agosto de 1955), cinge-se à condição de «nota prévia», porquanto não estiveram ao alcance da excursão as necessárias oportunidades, entre muitas, de obter correlações sistemáticas noutros pontos da enorme bacia.

A moderna atribuição dos nomes tupis **paraná** e **igarapé** a elementos do sistema é frequentemente arbitrária, decerto porque desbravadores e colonizadores, tendo-os assimilado imperfeitamente, introduziram ao mesmo tempo termos novos sem a substituição total, por estes, dos denominativos do aborígene. **Paraná**, por exemplo, equivalia a «rio»: «rio grande», «como o mar», «parente do mar»; enquan-

(*) Comunicação apresentada ao XVIII Congresso Internacional de Geografia. Rio, agosto de 1956.

Andrade, Gilberto Osório de.
Furos, paranás e igarapés:
Análise Genética de Alguns
Elementos Do Sistema
Potamográfico Amazônico.
Revista Geográfica 22, no. 48
(1958): 3–36.
<http://www.jstor.org/stable/40996475>

4. As interpretações do nome tendo em vista o contexto geográfico.

Córrego

(<https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=córrego>)

- cór·re·go
- sm
- 1 Sulco aberto pelas águas correntes; corga, regueiro.
- 2 Pequeno rio, pouco profundo e de pequeno caudal; corgo.
- 3 Caminho estreito entre montes ou muros.
- 4 REG (BA) Denominação aos afluentes do rio São Francisco.

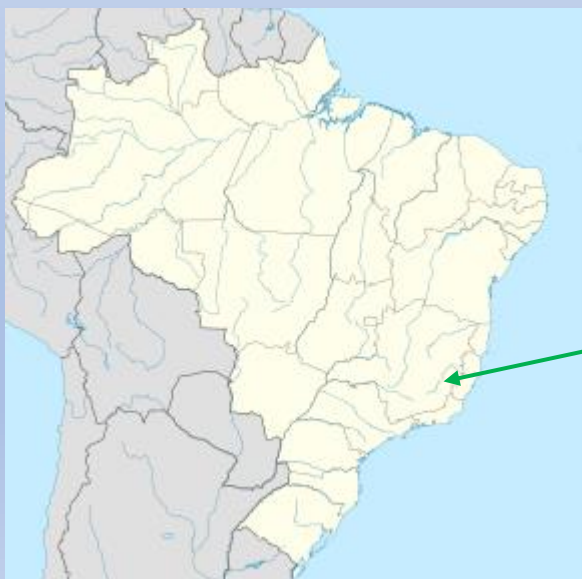
- *A toponímia rural do contexto cafeeicultor da serra do Caparaó.*
Jacqueline Helen de Lima (UFMG)

Córrego* dos Alves

Córrego* do Brejo

Córrego* Grande

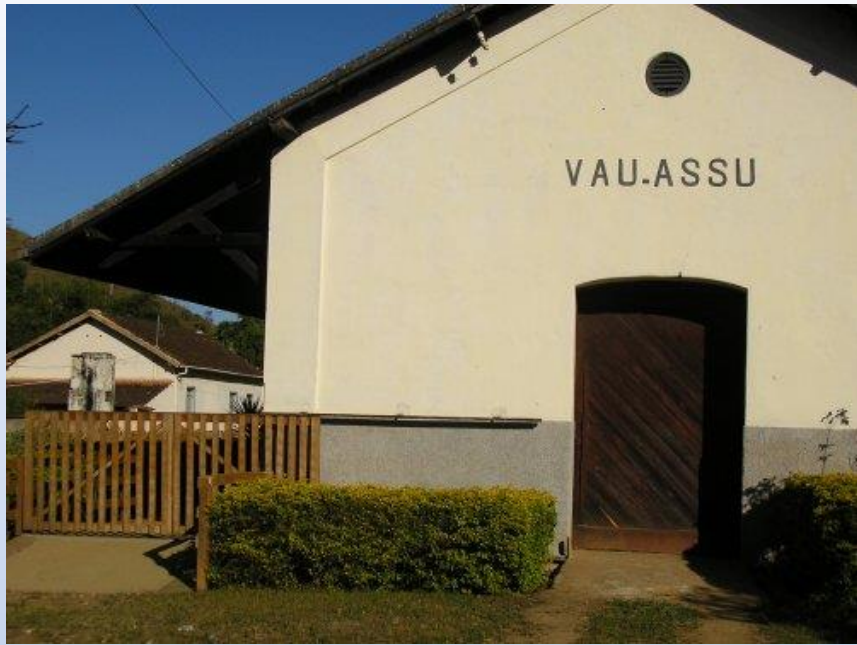
Córrego* da Limeira



A motivação para tratar o acidente como córrego* tem raízes na geografia, já que trata-se de um lugar estreito. Este lugar seria um acidente físico, mas seu uso pelos moradores marca nitidamente que se trata de um acidente humano.

Vau – designa o lugar do rio onde a água é pouco funda, de sorte que se pode passar a pé ou a cavalo.

- Fazenda do Vau
- Povoado Vau das Flores
- Vau Açú
- Vau de orelha
- Vau de calda
- Vau a pés enxutos



Refletindo:

Sobre o sintagma toponímico:

- O topônimo vinculado ao termo genérico revela dados do povo denominador e de uma sociedade;
- As variantes lexicais e semânticas são importantes para que se tracem áreas dialetológicas em determinado território;
- Os sintagmas toponímicos já estabelecidos e cristalizados fornecem dados não só ao linguista, mas, também, ao dialetólogo sobre a permanência de certos traços arcaizantes da língua na fala de determinado território.

→O topônimo está sujeito às consequências do tempo: às influências, às modificações e, até mesmo, ao desaparecimento de seu significado original, uma vez que escapa da consciência e memória do povo.

→ Constituem “fósseis” linguísticos que sobrevivem até o tempo atual, permitindo, através deles, que se penetre em um tempo passado.


Referências bibliográficas

- BYNON, Theodora. Can there Ever be a Prehistorical Linguistics? In: *Cambridge Archaeological Journal* 5:2. London, 1995, p.261-265.
- DICK, M. V. de P. do A. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Edições Arquivo Estado de São Paulo, 1990.
- DICK, M. V. de P. do A. *Toponímia e antroponímia no Brasil. Coletânea de estudos*. 2ª Ed. São Paulo: Serviço de Artes Gráficas da FFLCH/USP, 1990.
- ISQUERDO, Maria Aparecida Negri; SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. A trilha dos “buritis” no vocabulário onomástico-toponímico: um estudo na toponímia de Minas Gerais e de Mato Grosso do Sul. In: BARROS, Lídia Almeida; ISQUERDO, Maria Aparecida Negri (Org.). *O léxico em foco*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.
- SAMPAIO, T. *O tupi na geografia nacional*. 5.ª ed., São Paulo/Brasília: Ed. Nacional/Instituto Nacional do Livro, 1987.
- SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. Referência e Onomástica. In: MAGALHÃES, José Sueli de; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. (Org.) *Múltiplas perspectivas em linguística: Anais do XI Simpósio Nacional e I Simpósio Internacional de Letras e Linguística (XI SILEL)*. Uberlândia: ILEEL, 2006, p.1953-1960
- SEABRA, M. C. T. de. *Fitotoponímia Mineira*. Belo Horizonte, 2009 (inédito)
- SEABRA, M.C.T.C. de. Gualacho, Mato Dentro, Outra Banda – topônimos da Região do Carmo – MG: questões léxico-históricas. In: *O Léxico em Estudo*. M.C.T.C. Seabra (Org.). Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2006, p. 137-154.
- SEABRA, M.C.T.C. de. UFMG. *Base de Dados do Projeto Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais*. Belo Horizonte, 2018.

Contato:

candidaseabra@gmail.com



FALE 
*Programa de
Pós-Graduação em Estudos
Linguísticos - POSLIN*

UF *m* **G**

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE MINAS GERAIS

GruMEL
Grupo Mineiro de Estudos do Léxico